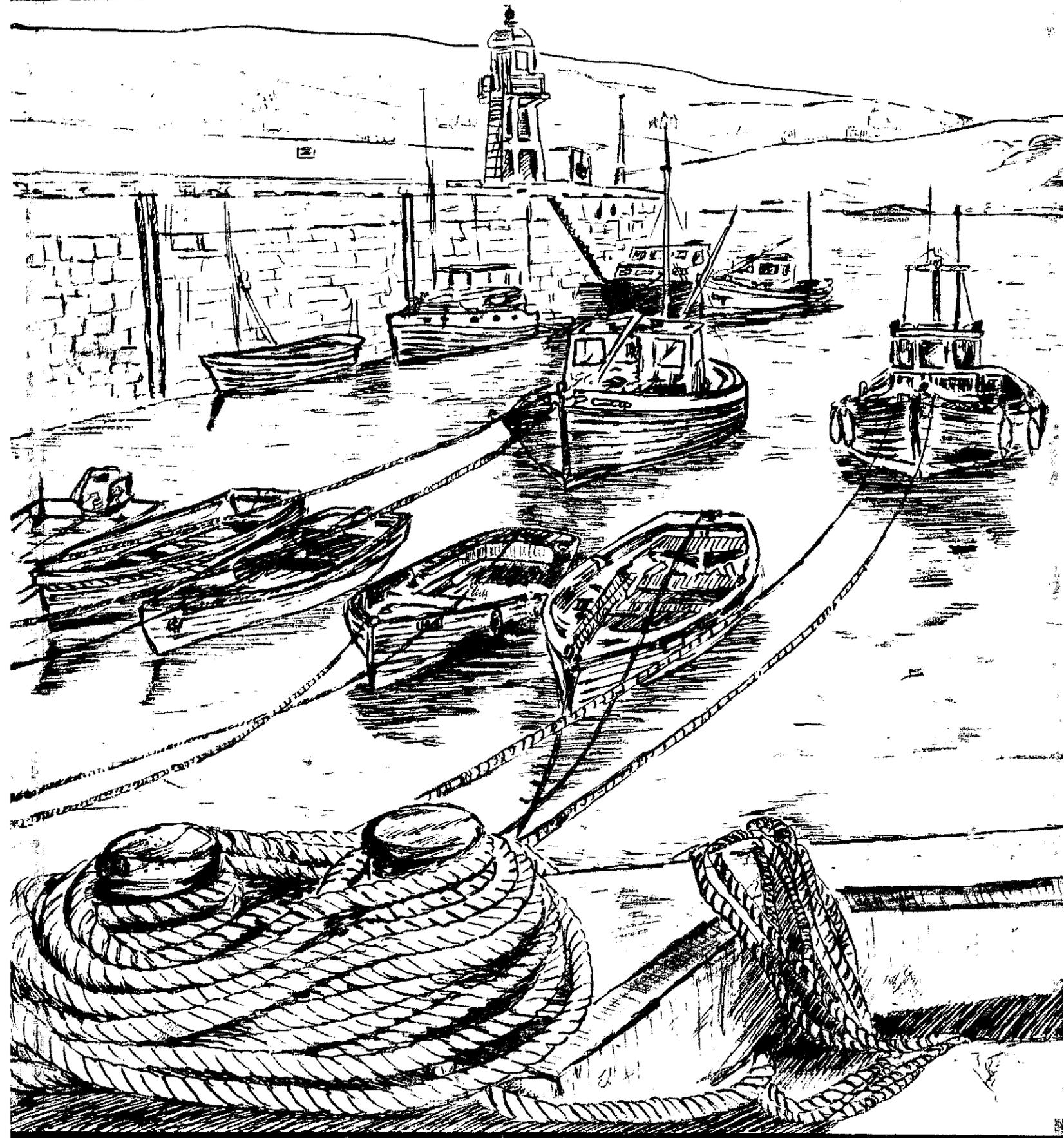




O DESBRAVADOR

ORGÃO DO GRÊMIO CULTURAL «SANTA MARIA»



ANO 6

AGOSTO 85

NUMERO 68

Escrevem os leitores

"Por intermédio da revista ("O Desbravador"), fiquei conhecendo a coroa de Nossa Senhora das Lágrimas, a qual estou rezando todos os dias"...

BERNADETTE DE OLIVEIRA
SÃO PAULO - SP

"Há tempos atrás (que sou) leitor deste jornalzinho maravilhoso, que me mostrou o valor da vida, como Deus é maravilhoso e como é fácil ser feliz conosco mesmo e com os outros... Caso receba futuramente as novas edições, farei uma corrente de leitores só para espalhar a boa-nova e vive-la através dos exemplos escritos.

Amo muito este jornalzinho que é tão cheio de vida, de amor e de paz. Sempre lembro de todos vocês nas minhas orações...

JOSE A. CUNHA
PARANAGUÁ - PR

..."Dou graças a Deus por existir gente como vocês que levam a outros a mensagem de Cristo... Gostaria se fosse possível receber todos os meses este jornalzinho espetacular..."

DARVI JOSÉ LORANDI
CAXIAS DO SUL - RS

"Fico contente por saber que ainda continuam firmes em sua tarefa. E peço sempre a Virgem Santíssima para que nunca deixem de publicar o jornal "O Desbravador", já que é de muita utilidade para nós, os servidores de Nosso Senhor Jesus Cristo..."

FATIMA MARGARETE JERONIMO
ITANHOMI - MG

..."O Desbravador" é muito importante... pois vive a desbravar muitos corações que andam na obscuridade.

Parabéns, vão em frente, que Deus os proteja, hoje e sempre."

JACY OLIVEIRA
JANUÁRIA - MG

"É com satisfação que escrevo para esta equipe de "O Desbravador", a fim de receber em minha casa este conceituado jornal. Desde já me alegro de participar deste magnífico jornal, o qual caminha na estrada de Jesus e Nossa Senhora. E na árdua tarefa de propagar a paz a todos os lares brasileiros... Os meus sinceros votos de que este jornal cresça na evangelização de todos os brasileiros e na divulgação do culto a Nossa Senhora."

CARLOS ROBERTO LOMBAS
GUAÇUI - ES



O DESBRAVADOR
ORGÃO DO GREMIO CULTURAL "SANTA MARIA"

DIRETOR:
MESSIAS DE MATTOS

ASSISTENTES DE DIREÇÃO:

INSELMO LÁZARO BRANCO
VALMIR DE CASTRO

SUPERVISÃO:

ELMA APARECIDA LÁZARO BRANCO
HERIBALDO CARDOSO DE BARROS

COMPOSIÇÃO:

ESTÚDIO "FRÃ ANGÉLICO"

REDAÇÃO:

JOSE HENRIQUE DO CARMO
REINALDO RODRIGUES DOS SANTOS
SÉRGIO BORGES F. MOLINARI
SÁVIO FERNANDEZ BEZERRA
MÁRIA DO CARMO M. RUFINO

SECRETARIA:

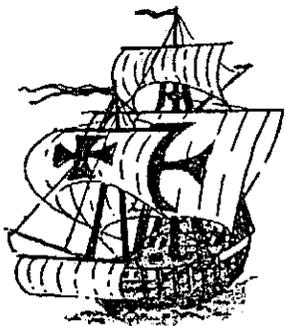
MAURO TAKESHI ENDO
MIHAÍLO MILAN SLATKOVIC
LAURINDO GONÇALVES

EXPEDIÇÃO:

EDSON RODRIGUES DOS SANTOS
RENATO KAORU ISHIMINE
ROMILSON CHAVES SILVA
VICENTE WALTER SOUZA MACHADO
WALADYER NERI SOUZA MACHADO
MIGUEL ZUPPO

CORRESPONDÊNCIA:

CAIXA POSTAL 6416
01000 SÃO PAULO SP



Editorial

"Feliz é a Nação cujo Deus é o Senhor", dizem as Sagradas Escrituras.

Podemos dizer que feliz é a pátria cujas leis não contradizem às Leis Divinas, pois Deus é realmente Senhor de um povo quando as leis deste país são espelhadas nas Leis de Deus.

E, atualmente, a maioria das leis das nações não é conforme aos Mandamentos Celestes. Assim, na maioria dos países o divórcio faz parte das legislações. Na maior parte das nações se está abrindo as portas para o aborto. Lugares

há que permitem os tóxicos, outros (como é o caso do Brasil) não punem mais o adultério. Em vários países as leis autorizam mutilações físicas para os fins mais aberrantes.

Infelizmente, o Brasil está nesses rumos. Nossas leis vão se distanciando da verdade a cada dia que passa.

Vemos pois que as nações que deveriam moldar seus preceitos na Divina Vontade, não só não o fazem como também violam esta mesma vontade.

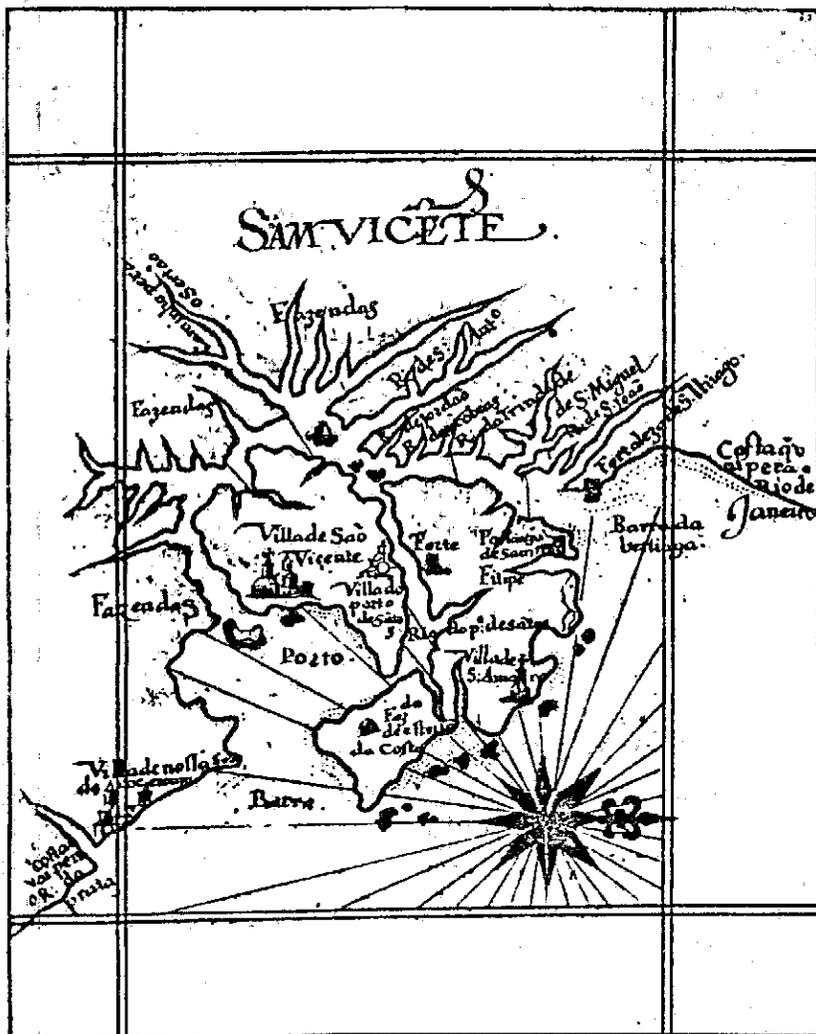
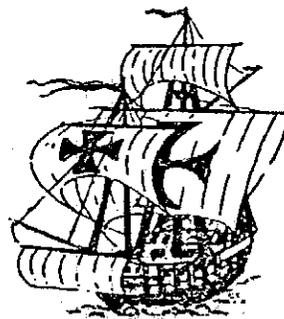
Por outro lado perguntamos: não será que as leis são assim mas porque os povos são também maus? Não será que tantas podridões invadiram nossos códigos, porque os povos vivem de maneira aberrante e monstruosa? Cremos que sim.

Como agiremos nós, diante de quadro tão negro?

Podemos nos calar, dizendo que não há o que fazer. Podemos nos omitir, dizendo que isso não nos atinge. Podemos aderir ao mau, de forma traiçoeira e cruel.

Tudo isso seria covardia e maldade, porque podemos e devemos lutar contra o pecado e o erro em qualquer lugar que se apresentem. Podemos e devemos não nos conformar com leis iníquas, temos de não viver de acordo com elas, temos de dizer não.

A glória do não, quando tantos dizem sim. A grandeza do sim a Deus e a Nossa Senhora quando os homens e as nações teimam em dizer não.



"REZAI OS TERÇOS TODOS OS DIAS
(NOSSA SENHORA EM FATIMA).



DA CÔRTE AO CLAUUSTRO

SANTA BEATRIZ DA SILVA E MENEZES, nas ceu de nobilíssima família portuguesa em 1424.

Na conquista de Ceuta, em 1415, distinguuiu-se na luta um nobre oficial, Dom Rui Gomes da Silva, filho de Aires Gomes da Silva, primeiro Alcaide-mor, ou governador de Campo Maior.

Em recompensa pelos serviços militares prestados à coroa de Portugal, o primeiro governador de Ceuta, Dom Pedro de Menezes e conde de Viana, deu-lhe em casamento, sua filha, Isabel de Menezes.

Desse feliz matrimônio nasceu Beatriz, predestinada por Deus para realizar uma grande obra na Igreja.

Desde pequena foi educada no exercício das virtudes cristãs e em sua formação espiritual muita influência tiveram os religiosos franciscanos e as contravérsias da época que versavam sobre o dogma da Imaculada Conceição ainda não definido.

Sua Primeira biógrafa deixou-nos de Beatriz o seguinte elogio: "Era formosíssima, prudente, afável, inteligente, com postura e de muita gentileza devotíssima da Imaculada Conceição da Mãe de Deus, a quem sempre invocou como sua advogada e padroeira".

Essa devoção terníssima a Nossa Senhora, no mistério de sua Imaculada Conceição, foi o traço característico da espiritualidade de Beatriz. Desejava realizar algo de grande em honra da Mãe de Deus. Não há dúvida que esse desejo era-lhe inspirado pelo próprio Espírito Santo, que progressivamente a preparava para fundar uma nova Ordem Religiosa na Igreja. Era um desejo indefinido, que só havia de ser esclarecido com o decorrer do tempo e após muitos sofrimentos.

Em 1447, D. João II, rei de Castela, que se tornou viúvo com o falecimento de sua esposa, D. Maria de Aragão, resolveu contrair segundas núpcias com D. Isabel, Infanta de Portugal. Esta, ao partir para a corte de Tordesilhas, escolheu Beatriz para sua primeira dama de honra, por ser sua prima e pelas excelentes qualidades físicas e morais que a jovem possuía.

A entrada de Beatriz na corte de Tordesilhas, ao lado da rainha, foi um sucesso! Sua formosura cativante encantou todos os fidalgos. Ela era diferente das outras damas. Sem ostentação, sem luxo exagerado, possuía um requinte de elegância e fascínio natural que atraía todos os olhares.

De todos os galanteios e amorosas perseguições dos fidalgos que queriam conquistá-la, Beatriz se esquivava discretamente, sem se comprometer com algum deles. Recusou diversos pedidos de honrosos casamentos, na mais alta linhagem da nobreza luso castelhana.

Sem pretensões de sua parte, tornou-se objeto de rivalidade, discussões e até duelos entre os cortezões que disputavam o seu coração ou ao menos sua presença nos salões reais.

Beatriz escolhera um amor superior. Possuía fortuna, nobreza, honra, formosura, uma alta posição na sociedade, possibilidade de um futuro brilhante; mas acima de tudo ela possuía a riqueza de um coração puro, dedicado inteiramente ao Amor de Deus. Amava a beleza suprema que nunca envelhece, e, sabia que as criaturas são apenas reflexos das perfeições do Criador.

No luxo e no fausto da corte manteve o seu coração fiel ao propósito de amar a Deus só, embora não fosse indiferente ao calor humano dos que a rodeavam.

Há, no fundo de cada ser humano, um núcleo, onde só Deus penetra. Quem sabe acolher a Deus nesse núcleo, tem a clarividência necessária para perceber o ru



mo que deve tomar no destino de sua vida. Ou pelo menos a posição que deve tomar diante de certos acontecimentos. Beatriz tinha a convicção interior e segura, que ela deveria realizar algo de superior, algo mais do que um belo casamento. E, coe- rente com as suas convicções, aguardava que Deus manifestasse a sua divina vontade. Isso acontece geralmente com todas as pessoas que sentem no seu interior o "chamado de Deus" para a vida religiosa, consagrada. Quem quiser responder a esse apelo de Deus, precisa saber ouvir a voz da consciência. O núcleo interior de cada ser humano, onde só Deus penetra, chama-se: consciência. É uma propriedade espiritual que serve de luz para o homem na direção de sua vida. Quando essa luz natural é intensificada pela luz da graça divina, e das verdades reveladas, o caminho se torna luminoso.



tisfação com a rainha e vão exigir notícias de Beatriz.

Isabel enfurecida por se ver molesta da por dois gentis homens que gozavam de prestígio junto ao rei, e pensando que Beatriz já estava morta, conduz D. João de Menezes ao subterrâneo, para mostrar-lhe o cadáver de sua sobrinha.

Entretanto, Beatriz, ao ver-se fechada no cofre sem luz e sem ar, reconhece que sua vida chegou ao termo e entrega-se nas mãos de Deus. Muitas vezes Deus espera estas horas terríveis para agir. Horas, nas quais não se pode esperar nada da terra, e, "esperando contra toda a esperança" as virtudes da fé, esperança e caridade se consolidam, na certeza de que existe um Deus no Céu, sempre atento aos clamores de suas criaturas.

Todos os crimes e maldades humanas não demovem Deus de realizar os seus planos. A sabedoria de Deus é tal que utiliza o próprio fundo negro do procedimento humano para realçar o brilho de suas obras. Assim aconteceu com Beatriz.

No momento em que ela aguardava a morte, apareceu-lhe a Virgem Imaculada vestida de branco e manto azul, com o menino Jesus nos braços. A Virgem consolava e assegura-lhe que sairá ilesa daquele cofre mortuário para fundar uma Ordem religiosa em honra de sua Imaculada Conceição. Suas religiosas deveriam vestir-se de branco e azul e imitar as virtudes da Mãe de Deus, quando viveu nesta terra.

Beatriz faz voto de castidade e confortada pela visão de Nossa Senhora passa aqueles dias sem dar conta do tempo que transcorreu. Reafirmou sua entrega total a Deus e a decisão de realizar os planos que Deus traçara sobre ela, por meio de sua Mãe Imaculada.

Quando a rainha Isabel num frêmito de nervosismo abriu o cofre para mostrar um defunto a D. João de Menezes, Beatriz aparece mais linda do que antes, com uma beleza celestial pelo contato misterioso que tivera com a Rainha do Céu.

Conduzida pelo seu tio, vai aos seus aposentos, arruma sua bagagem, pede de-

A vida na corte tornou-se difícil para Beatriz. De um lado sentia-se o ídolo dos cortejos; de outro lado era objeto de ciúmes e mexericos por parte das damas. Até a rainha Isabel andava enciumada. Notava como o rei D. João II tratava com deferência e estima a sua bela prima. Já não via em Beatriz a sua fiel dama, mas uma rival que poderia ocupar o seu lugar no coração do rei, e quem sabe, até o trono.

E como o ciúme e a inveja cegam o coração humano, a rainha Isabel decide eliminar Beatriz da corte.

Em alta noite a rainha conduz Beatriz aos subterrâneos do castelo, num lugar oculto por ela preparado e ali trançou Beatriz dentro de um grande cofre ou arca que lhe serviria de túmulo, segundo o intento da rainha. Sepultada viva morreria asfixiada e ninguém o saberia. Só a rainha saindo dali levou na consciência o aguilhão do seu crime.

Nos salões da corte Beatriz desaparece inesperadamente. Onde estará ela? Todos se perguntam, mas ninguém ousa perguntar à rainha.

Passa um dia, dois, três, e Beatriz não reaparece.

Seu irmão, D. Fernando da Silva Menezes que com ela estava na corte, e seu tio D. João de Menezes resolvem tirar sa-



missão do serviço real e parte de Tordesilhas rumo a Toledo, acompanhada de duas damas para o seu serviço e uma pequena escolta.

No meio do caminho, Beatriz vê dois frades franciscanos que se aproximam dela, saindo da floresta. Sente um impulso de medo, julgando que a rainha Isabel queria novamente matá-la e enviara aqueles dois frades para confessá-la e prepará-la para a morte.

Mas eles se aproximam como amigos. O mais jovem saudando-a em português diz-lhe que não tenha receio. Que eles vinham da parte de Deus para anunciar-lhe a boa-nova, que ela viria a ser uma das mais ilustres senhoras de Espanha e Portugal; e que suas filhas seriam conhecidas em toda a cristandade.

Respondeu Beatriz que fizera a Deus o voto de castidade e não pretendia casar-se nem que o maior príncipe do mundo lhe pedisse em casamento.

Retorquiram eles que suas palavras se cumpririam e ela e suas filhas seriam conhecidas até os confins da terra. Entendeu Beatriz que eles faziam alusão a nova ordem religiosa que ela iria fundar; e que sob as bênçãos de Deus iria florescer pelo tempo afora.

Iam percorrendo pelo caminho quando se aproximaram de uma estalagem, e aí, os dois religiosos franciscanos desapareceram de sua vista e não foram encontrados por mais que os procurassem. Beatriz então reconheceu que eram São Francisco de Assis e Santo Antônio de Lisboa que Deus lhe enviara para a encorajar e reafirmar a promessa que a Virgem Imaculada lhe fizera, com referência à fundação de sua futura ordem religiosa.

Continuando a viagem chegou a Toledo e dirigiu-se ao antigo convento de São Domingos de Silos, onde permaneceu, não como freira, mas como pensionista. E como a formosura do seu rosto foi a causa de tantas discórdias na corte, cobriu sua face com um véu branco durante o resto de sua vida.

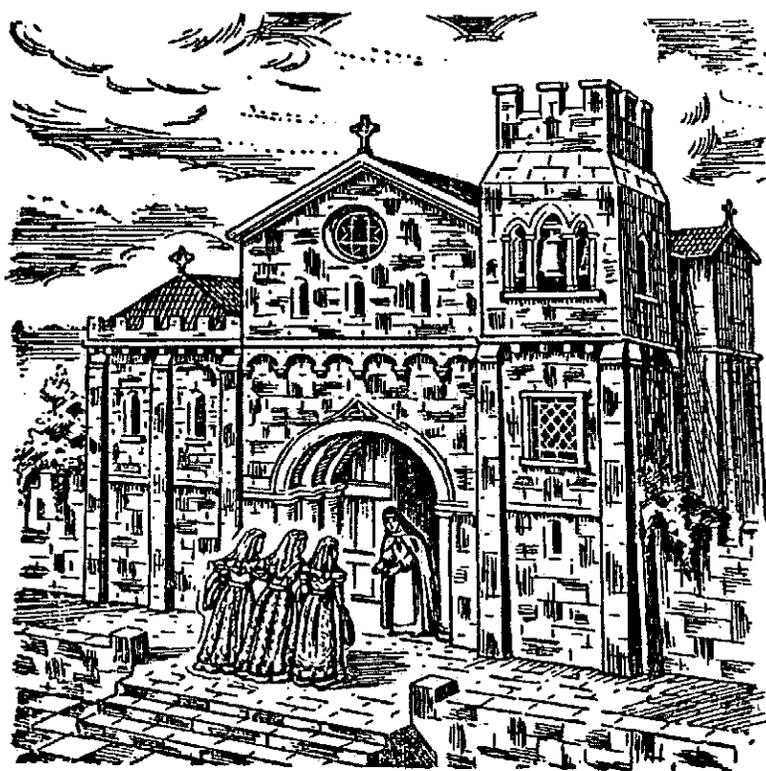
Trinta anos se passaram. Trinta anos de espera para realizar uma obra que certissimamente era desejada por Deus e por Nossa Senhora. Por que esperar tanto tempo? Por que não realizar logo o que Deus lhe pedira?

Deus é a força-motor que realiza tudo que é positivo no universo, e, sobretudo é a força-motor das almas que se deixam guiar pelo seu Espírito.

O nosso sistema de contar o tempo está condicionado ao giro que o planeta terra dá ao redor do sol, e, sobre si mesmo: anos, dias, minutos, segundos. Precisamos apressar as nossas obras porque a nossa vida é curta. Mas Beatriz estava destinada a executar uma obra de Deus e não obra humana. Obra formada por elementos humanos, não há dúvida, mas realizada por vontade de Deus.

E Deus age segundo os seus critérios. Ele está fora do tempo solar e o salmista afirma que "mil anos para Deus é como um dia e um dia como mil anos" (Sl. 90,4). Jesus não esperou trinta anos para iniciar publicamente a sua obra messiânica? Beatriz, fiel discípula de Cristo, seguirá também a senda do seu mestre.

Nesses trinta anos, sua fé se consolidou, se aperfeiçoou. Sua esperança se firmou em Deus só, como uma rocha inabalável. Ela estava destinada a ser a pedra fundamental de uma grande obra. E as obras que atravessam os séculos precisam ter alicerces firmes. Beatriz amadureceu em todas as virtudes cristãs e humanas e se preparou longamente para executar os planos de Deus.



"SE EU SOUBER QUE EM MEU CORAÇÃO HÁ UMA FIBRA QUE NÃO FOSSE DE DEUS QUERIA LOGO ARRANCÁ-LA." 7
(São Francisco de Sales)



A criminoso rainha que tentara matar Beatriz tivera uma filha que se chamou Isabel. Esta princesa era diferente de sua mãe. Na história é conhecida como "Isabel a católica", a mesma que deu apoio a Cristóvão Colombo em sua arrojada viagem marítima que culminou com a descoberta da América dois anos após a morte de Beatriz.

Isabel visita sua prima em Toledo e Beatriz comunica a rainha o seu plano de fundar uma casa religiosa dedicada ao culto da Imaculada Conceição. A rainha sente-se feliz em poder ajudá-la e oferece-lhe os palácios de Galiana, que tinha ao lado uma igreja chamada Santa Fé. (Galiana, foi uma princesa, filha de um rei mouro, que em eras passadas dominara a Espanha).

Beatriz reconhece a "hora da Providência" e vai transformar aquele palácio antigo em um novo mosteiro, o primeiro da ordem da Imaculada Conceição. Leva consigo doze jovens, entre elas, sua sobrinha D. Filipa da Silva, que seria sua sucessora na direção do convento.

Durante seis anos preparou e instruiu suas noviças sobre o novo estilo de vida que iam levar, dando-lhes uma sólida formação espiritual, capaz de enfrentar os contratempos e dificuldades que surgiram no futuro. Fez as acomodações necessárias para transformar o velho edifício em convento. Compôs uma regra própria e a enviou ao Pontífice Inocêncio VIII para ser aprovada. O Papa prometeu aprovar a ordem e a forma do hábito, mas ordenou-lhe que escolhesse uma das regras já aprovadas pelos pontífices anteriores, pois o Concílio de 1215 proibia fundar novas Ordens com regra diferente das que já existiam. Beatriz escolheu a regra de Cister, e só vinte anos depois de sua morte o Papa Júlio II aprovou a sua regra própria.

Só depois que sua Ordem estivesse confirmada com a autorização de Roma, vestiam o hábito azul e branco, conforme o pedido de Nossa Senhora.

Enviada à Roma a sua escolha referente a regra de Cister, ficou aguardando que sua Ordem fosse oficialmente aprovada pelo Papa.

No mesmo dia em que o sumo Pontífice Inocêncio VIII assinava e expedia de Roma a Bula, aprovando a Ordem da Imaculada Conceição, estava madre Beatriz na portaria do seu convento, quando alguém, com voz masculina, chegou à roda e perguntou por D. Beatriz da Silva. Indagando a madre o que desejava, respondeu que era um mensageiro vindo de Roma e vinha anunciar-lhe que a Bula de confirmação de sua Ordem estava já concedida e em expedição. Radiante de alegria, Beatriz chamou o seu mordomo para acolher e dar hospedagem ao mensageiro. Admirado, o mordomo, em ouvir falar de mensageiro, afirmou que ninguém estivera na portaria. Beatriz achou que teria sido São Rafael Arcanjo que viera dar-lhe esta notícia, pois era devotíssima do Arcanjo de Deus e todos os dias recomendava-lhe os seus problemas.

Quando a notícia da expedição da Bula chegou a Toledo por vias naturais, viu-se com mais clareza que o mensageiro que fora falar com Beatriz não podia ser uma criatura humana; mas só um anjo de Deus podia saber em Toledo o que se passava em Roma naquele momento.

Outro fato extraordinário confirmou a intervenção de São Rafael, como protetor de sua Ordem.

O navio - de mastros e velas - que trazia a Bula de Roma, foi batido por uma tempestade e naufragou no mediterrâneo.

Ao saber da triste notícia, Beatriz refugiou-se diante do tabernáculo e passou três dias em oração. Ao sair dali, foi procurar qualquer objeto que precisava, e, abrindo uma arca, encontrou por cima o pergaminho da Bula que se perdera no mar. Admirada, enviou-a ao bispo de Cadix, para verificar o que era. Este reconheceu ser a Bula expedida por Inocêncio VIII, aprovando a Ordem da Imaculada Conceição. Tal documento chamado "a Bula do milagre", conserva-se até hoje na casa mãe de Toledo com os vestígios da água do mar.

Este prodígio confirmou que quem viera anunciar a Beatriz a notícia da confirmação da Ordem, pela expedição da Bula, não fora um homem, mas um anjo; e que o mesmo anjo salvou a Bula do naufrágio. Beatriz afirmou ser o Arcanjo Rafael, por isso a Ordem Concepcionista o venera como seu grande protetor.

A Ordem da Imaculada Conceição foi aprovada no dia 30 de Abril de 1489, pela Bula "Inter Universa" de Inocêncio VIII.



Como D. Beatriz da Silva era estimadíssima por todos e a novidade da Bula milagrosa espalhou-se, toda a cidade de Toledo estava na expectativa e, preparava-se para assistir a cerimônia religiosa na igreja de Santa Fé, dos palácios da Galiana que se transformara em mosteiro.

Esperava-se uma festa magnífica, com a presença de muitos fidalgos, parentes e admiradores da fundadora. Quase todas as companheiras de Beatriz eram de famílias nobres.

Faltavam dez dias para esse momento tão desejado por Beatriz, quando Nossa Senhora aparece-lhe novamente e lhe diz:

- "Filha, não é minha vontade nem de meu divino Filho, que gozes aqui na terra o que tanto tens desejado. De hoje a dez dias virás comigo ao paraíso".

Morrer, na hora de realizar o sonho que acalentara durante tantos anos! Sim, Beatriz já tinha realizado tudo o que Deus desejava dela; agora cabia a outras levar avante a sua obra.

Ela preparou a terra e lançou a semente que iria germinar pelo século afora.

Caiu enferma, e vendo que se aproximava a hora do desenlace, pediu o hábito de sua Ordem. E tendo-o recebido das mãos do bispo, fez sua profissão religiosa, tornando-se, assim, canonicamente, a primeira monja professa da Ordem que fundara.

Ao receber a unção dos enfermos teve que levantar o véu branco que trouxera sobre o rosto durante mais de trinta anos, e, todos os presentes ficaram admirados com o resplendor celeste que irradiava de sua face. Ao entrar em agonia, todos os circunstantes viram uma estrela luminosa que descendo, pousou sobre sua fronte e aí permaneceu, iluminando o quarto com seus resplendores, até que a alma bem-aventurada de Beatriz da Silva, serena e suavemente separou-se de seu corpo.

Foi assistida em seus últimos momentos pelos padres franciscanos e por muitas pessoas amigas que a tinham em conta de santa. Tornou-se público na cidade, que o corpo de D. Beatriz da Silva, antes de sair desta vida já estava com resplendores da eternidade e ornado com uma estrela. Por esse motivo, todas as imagens de Santa Beatriz sempre foi apresentada com uma estrela na fronte.

Morreu dez dias após a aparição de Nossa Senhora e no mesmo dia que foram marcado para a festa de vestição de suas religiosas.

As pessoas de longe, que vieram para a festa, assistiram o seu glorioso transito.

Morreu em agosto de 1490, com sessenta e seis anos de idade e conservou a formosura de sua juventude.

Assim que Beatriz acabou de expirar, chegaram as freiras de São Domingos e qui seram levar o corpo da santa, para ser enterrado no cemitério do convento onde ela vivera trinta anos. Vendo que as doze noviças e filhas espirituais de Beatriz ainda não tinham professado, quiseram levá-las também, para as agregarem à comunidade de São Domingos. Achavam que com a morte de Beatriz, a obra por ela iniciada estava em completo fracasso.

Os religiosos franciscanos que estavam presentes, reagiram, achando que as noviças não deviam passar a outro convento, e que o corpo de Beatriz devia ser enterrado na igreja de Santa Fé. Daí levantou-se um conflito.

Nesse interím, o provincial dos franciscanos, Frei João de Tolosa, estava em Guadalajara, quando apareceu-lhe Beatriz e lhe falou:

- "Acabo de deixar o corpo; ide depressa socorrer a minha casa que está em ponto de desfazer-se".

De fato, se as doze jovens, destinadas a levar avante a obra de Beatriz, passassem para o convento de São Domingos, a Ordem da Imaculada Conceição seria reduzida a nada. Morreria asfixiada antes de acabar de nascer.

Frei João de Tolosa chegou em tempo e determinou que o corpo de Beatriz fosse enterrado nos palácios de Galiana, na igreja de Santa Fé; e que as doze noviças fariam profissão religiosa oito dias após o sepultamento de madre Beatriz.

Formado assim a primeira comunidade da Ordem nascente, elegeram D. Filipa da Silva, sobrinha de Santa Beatriz, para primeira abadessa.

"QUEM NÃO TEM DEUS, NÃO TEM NADA; QUEM TEM DEUS, TEM TUDO."
(Santo Agostinho)

MAMÃE, PORQUE VOCÊ FEZ ISSO COMIGO?

"Eu estou morrendo como um verme. Estou tendo a morte que mereço e que a senhora ajudou a merecer. Estou corroído pelos vícios, contaminado por asquerosas doenças, com meu corpo em frangalhos e minha alma num estado ainda mais miserável. Tenho culpa disso e a senhora também tem, mamãe!

A senhora não deixou que eu fosse batizado recém nascido, dizendo que quando eu fosse maior eu escolheria minha religião.

Ao invés de me dar educação religiosa, a senhora me encaminhou para as aulas de "educação" sexual infantil, onde fui desde cedo "instruído" na corrupção.

Quando eu tinha dez anos, a senhora achou que eu deveria fazer a Primeira Comunhão, pois precisava daquela festa que todos os meninos tem.

Sem nenhum preparo fui às pressas batizado e fiz a primeira Comunhão sem as menores disposições, tornando aquele ato tão sublime uma mera festividade para receber presentes.

Feita a Primeira Comunhão, a senhora nunca mais me mandou a uma igreja porque não queria que eu "ficas-

se fanático".

Por outro lado, a senhora fazia questão que eu fosse aos bailinhos que a turma fazia, achando que eu precisava ser um menino "por dentro da orelha". Saiba, mamãe, foi nos bailinhos que eu comecei a me drogar. A senhora deu uma estrilada quando soube...mas... logo se conformou.

Agora, mamãe, vou lhe contar o fato que ajudou de vez a acabar comigo: eu tinha 15 anos e o Inácio, aquele vizinho que a senhora detestava, simplesmente pelo fato de ser um excelente católico, me convidou para participar do grupo de moços que ele frequentava.

Fui algumas vezes e comecei a mudar de vida. Fiz com o Padre Alberto uma confissão de toda a minha vida. Larguei as más companhias e os maus ambientes que até então frequentara, e pela primeira vez na vida me sentia verdadeiramente feliz.

Mas, quando notou as melhoras a senhora explodiu: - "Largue a amizade desse beato"; "Não quero ter um filho carola"; "O que minhas amigas dirão quando souberem que tenho um filho que



"Dai a Cesar o que é de Cesar, e a Deus o que é de Deus"
(S. Mateus, XXII, 21)

reza o terço?" ; "Que vergonha".

Eu retruquei estas palavras dizendo que não mais estava me drogando, ao que a senhora respondeu: - "prefiro ver você drogado, caído nas ruas, a vê-lo, fanático, numa igreja rezando!"

Tentei resistir. Mas a senhora aí foi enérgica e eu fui fraco. Ao mesmo tempo que me proibia de andar com o Inácio, incumbiu o meu primo Edgard de me corromper. Como eu disse, eu fui fraco e comecei a ceder. Ele me levava a passeios nocivos que, de um lado me impediam de praticar a Religião, e de outro, iam aos poucos me apodrecendo a alma.

Lentamente, a Religião Católica ia sendo expulsa de meu coração. Nos momentos em que eu pensava em melhorar, o maldito primo me tirava as boas intenções da cabeça e a senhora fazia de tudo para eu continuar na péssima estrada em que me encontrava.

Assim, no dia em que eu completei 18 anos, a senhora me deu uma moto, com a qual mais me afundei no vício e na podridão.

Eu, recebia, entretanto, graças para melhorar. Desta forma, o desastre que sofri com a moto, que acabou com ela e do qual escapei por milagre. No hospital pensei seriamente em retornar às práticas religiosas. Pedi para o Inácio me visitar, mas a senhora o impediu de me ver, bem como ao padre do hospital, que eu chamara para me confessar.

Por outro lado, a senhora trazia para a minha cabeceira os piores elementos, que, naquele momento em que eu poderia melhorar, envenenavam minha cabeça com conversas sujas.

Recuperado do desastre, encontrei-me ocasionalmente (ou providencialmente ?) com o Inácio, que com um gentil sorriso me disse: - "Caro amigo, estás a caminho do inferno, lembra-te de que adianta ao homem ganhar o mundo, se ele perde sua alma?"

As palavras dele me tocaram. E, ao chegar em casa, abri a gaveta para pegar o terço e o exame de consciência para me confessar. Então, a senhora usou do mais baixo recurso para me impedir de me lhorar. Começou a chorar, dizendo que eu a mataria do coração se naquele momento fosse me confessar. Eu fui fraco mais uma vez e cedi (tenho certeza que se eu tivesse rezado não cederia).

Daí em diante as coisas do mundo ocuparam todo o meu tempo. Carros, negócios, viagens, roupas sofisticadas, festas eram o meu dia a dia. Tudo isso junto com grandes imoralidades que aos poucos foram corroendo minha saúde e me reduzindo ao trapo que sou hoje, a caminho da morte e o que é pior, a caminho do inferno. Eu tenho culpa disso, mamãe! Mas a senhora também tem, porque não me instruiu catolicamente, corrompeu-me, impediu-me de ser bom. Porque a senhora fez isso comigo, mamãe?"



11 "MUITOS QUEREM SERVIR A DEUS, MAS CONFORME SEU GOSTO...ESSAS PESSOAS NÃO TEM A LIBERDADE DE ESPÍRITO, MAS SÃO ESCRAVAS DE SEU AMOR PRÓPRIO" (Santo Afonso Maria de Ligório)

Santo Edilberto, rei de Kente

Quando se menciona a Inglaterra, em termos religiosos, logo ocorre à mente o Anglicanismo, os crimes horrorosos de Henrique VIII, monarca perverso que perdeu o nobre título de católico para se divorciar... bem como as falanges de católicos martirizados por sua fidelidade ao Papado. Talvez poucos se recordem que aquele país, juntamente com a Irlanda, mereceu o glorioso título de "Ilha dos Santos". Essa feliz época, magistralmente retratada por Montaigne em sua obra "Les Moines d'Occident", teve início no reinado de Santo Edilberto, rei de Kent, cuja festa é contemplada hoje pelo Martirólogo Romano.

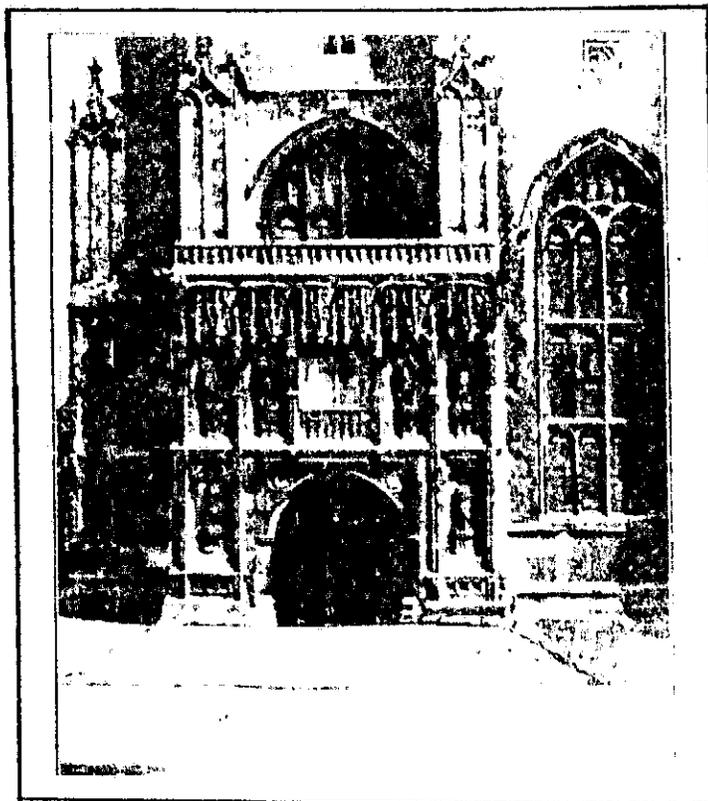
A conversação de Edilberto à fé católica, por Santo Agostinho de Cantuária, é considerada o fato mais importante da Cristandade até então, depois da conversação de Constantino e do batismo de Clóvis.

Edilberto era bisneto de Hengisto, o primeiro dos conquistadores saxões. Com a morte de seu pai, em 560, sucedeu-o no trono de Kent, o mais antigo da heptarquia saxã. Por suas conquistas tornou-se o chefe da Confederação saxã.

Para fortalecer seu poder, o rei de Kent procurou a aliança de Cariberto, rei dos francos, pedindo-lhe a mão de sua filha única, Berta. A jovem princesa foi concedida ao rei pagão, sob a condição de poder observar livremente os preceitos e as práticas da religião cristã, sob a guarda de um bispo franco. Acompanhou-a na terra estrangeira o bispo Lindhard de Senlis, que lhe administrava os Sacramentos numa antiga igreja dedicada a São Martinho, perto de Cantuária.

O rei de Kent, encantado com as virtudes da rainha, experimentava menor distanciamento do Cristianismo, quando aportaram em suas terras Santo Agostinho e seus companheiros, enviados pelo papa São Gregório.

Edilberto não quis que os missionários fossem vê-lo em Cantuária, e prescreveu que aguardassem na ilha em que desembarcaram. Alguns dias depois foi visitá-los pessoalmente, com grande séquito, e depois de ter ouvido um discurso de Santo Agostinho, desculpou-se por não abraçar de imediato a fé cristã, mas colocou a nação à disposição dos missionários.



Catedral de Cantuária, séc. XV. O Arcebispado de Cantuária foi fundado no ano de 597, por Santo Agostinho.

A pequena igreja na qual a rainha praticava seu culto, tornou-se o centro de pregação dos enviados do papa. A inocente simplicidade de sua vida, a doçura celeste de sua doutrina, tornaram-se para os saxões argumentos de uma eloquência invencível: cada dia aumentava o número dos que pediam o batismo.

O bom e leal Edilberto não os havia perdido de vista, pois, maravilhado como tantos outros pela pureza de vida dos missionários e pelas promessas cuja veracidade era atestada por numerosos milagres, não demorou a renunciar publicamente o culto dos ídolos e, na festa de Pentecostes do ano 597, recebeu o batismo das mãos de Santo Agostinho.

Uma multidão de saxões seguiu o exemplo do rei, e os missionários saíram de seu primeiro asilo para pregar e edificar igrejas em todo o reino.

No Natal desse mesmo ano, dez mil anglo-saxões apresentaram-se para receber o batismo.

Dando provas de sua veneração pelos missionários, e de piedosa humildade, Edilberto cedeu o seu palácio em Cantuária para Santo Agostinho, transferindo a residência real para uma antiga fortaleza romana.

O rei atendia solícitamente a todas as necessidades dos missionários, outorgando-lhes toda sorte de benefícios.

No ano 600, São Gregório Magno enviou ao rei de Kent muitos presentes com uma carta na qual o felicitava por seu zelo e lhe dava excelentes conselhos para a sua salvação.

Foi seguindo-os fielmente que o generoso Edilberto saiu sempre vitorioso dos rudes combates que teve de sustentar, seja contra suas paixões, seja contra o mundo, seja contra o espírito das trevas. As armas que ele empregava eram a oração, a vigilância, a humildade e a mortificação.

A beneficência era também uma de suas principais virtudes, e seus súditos, sobretudo os necessitados, sentiam seus felizes efeitos. Governou seu povo como um pai, durante 56 anos, fazendo reinar nos seus Estados a paz, a justiça e a piedade. No dia 24 de fevereiro do ano 616, Deus o chamou para a recompensa eterna, sendo o seu corpo inumado na igreja do mosteiro de São Pedro e São Paulo.

Polidoro Virgílio narra que outrora se mantinha uma candeia perpetuamente acesa diante de seu túmulo e que se operaram ali muitos milagres até o reinado de Henrique VIII.

ESTIMADOS LEITORES

Uma de nossas grandes alegrias desde que fazemos este boletim é o recebimento de suas cartas, caríssimos leitores. Elas são para nós um grande estímulo para prosseguirmos na luta. Escrevam-nos amigos! É mais um favor, maior que o primeiro, rezem a Nossa Senhora para que esta luta continue. Com isso vocês também estarão dando enorme colaboração a nós.

"Virgem Dolorrosíssima
vossas Lágrimas derrubaram o império infernal".

